

A resignificação das memórias nas redes sociais na internet

Máгда Rodrigues da Cunha
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
mrcunha@pucrs.br

A crescente apropriação e produção de conteúdos por intermédio das redes sociais na internet constituem, no atual contexto, um novo formato de memória, individual e coletiva, simultaneamente. São múltiplas narrativas que somadas constroem um texto, com fragmentos independentes, assumindo novos significados a cada leitura e soma de outra informação postada. Neste texto, pretendemos fazer uma reflexão sobre alguns pontos desta grande memória que vem sendo tecida coletivamente, a partir das percepções e experiências individuais dos sujeitos, do esquecimento e do abastecimento permanente.

Memória – redes sociais – internet – resignificação – esquecimento

As investigações a respeito da memória envolvem tradicionalmente uma perspectiva linear, considerando passado, presente e futuro e a observação destes tempos exatamente no lugar onde ocorreram. As memórias pessoais também foram tratadas, em certa medida, de forma individual, como experiências vividas apenas por uma pessoa, fazendo parte da sua história de vida. Com o surgimento e apropriação das redes sociais na internet, esta forma de investigar e considerar a memória passa por um processo de complexificação. Nas redes e no ciberespaço contamos histórias de todas as épocas para muitos, tantos quantos possam e desejem acompanhá-las. Mas também deixamos nossos registros e percepções sobre os lugares que visitamos, as experiências que vivenciamos, nos diferentes períodos da vida.

Em nossas reflexões sobre memória e redes sociais, identificamos uma dimensão em torno do tema que está relacionada ao cruzamento destas memórias e especialmente à resignificação das memórias individuais para aqueles que as produzem, mas também para os que leem. Somos hoje mais influenciados por nosso passado, pelos constantes reencontros no tempo presente, por intermédio da leitura nas redes, como também influenciados pelas memórias alheias, nos rastros que vão sendo deixados pelos sujeitos. Nosso objetivo é apresentar os casos observados nas redes e analisar a resignificação da memória no entrecruzamento de dados registrados no ciberespaço. Neste texto, vamos refletir sobre a memória produzida nas redes sociais FourSquare e Instagram, observando as camadas de significado

deixadas pelos produtores de conteúdo em relação a determinados lugares. Neste texto, não temos o objetivo direto de trabalhar com a informação geolocalizada. Ela é aqui uma estratégia, um filtro para rastrear as marcas que constituirão a grande memória sobre as experiências vividas naqueles espaços. Com certeza, as narrativas dizem muitos sobre os lugares e permanecerão como mais uma marcação na larga história.

Nesse contexto, misturam-se memória, como lembrança, mas também esquecimento, como referem alguns autores. Pretendemos também aqui iluminar aspectos que envolvam o registro dos acontecimentos neste contexto e refletir sobre as informações que vão sendo armazenadas neste processo sobre a vida cotidiana nas cidades. Consideramos que são alguns aspectos, entre muitos, que se fazem relevantes na composição desta memória em rede, em constante atualização no tempo presente.

1. Memória e mídia

O pensamento de Manovich (2011) é relevante nesta reflexão porque define que a nova mídia se caracteriza pela variabilidade e que todos esses processos passam pela automatização, pela computação. O princípio da variabilidade, exemplifica Manovich (2001:41), evidencia como, historicamente, as mudanças das tecnologias midiáticas estão relacionadas com as mudanças sociais. Se a lógica da “velha mídia” corresponde a uma lógica de uma sociedade industrial de massa, a nova mídia serve à lógica de uma sociedade pós-industrial, com valores individuais desenhados. Na sociedade industrial todos deveriam, supõe-se, gostar das mesmas coisas e compartilhar as mesmas crenças. Na sociedade pós-industrial todos os cidadãos podem construir seu estilo de vida e selecionar suas ideologias a partir de um grande número, não infinito, de escolhas. Neste sentido, as informações que estão sendo deixadas na rede ajudam a compor esta diversidade de informações individuais, ao gosto de cada um, mas especialmente relacionadas às experiências vividas que somadas determinarão uma rede de retroinfluências.

Quando se aborda a questão do registro, é importante refletir também sobre a preservação da memória e as estratégias para essa conservação como destaca Mitchell que apresenta o exemplo das gravações e as mudanças tecnológicas em consequência disso. Segundo ele, originalmente, a memória humana era a única mídia e essa é a tradição oral, transmissão direta de uma memória humana para outra. O desenvolvimento da escrita e as tecnologias de impressão e gravação cumpriram este papel, agora desempenhado em larga escala pela gravação digital eletrônica. A diferença

fundamental em gravar mídia eletrônica, na opinião do autor, é que não há necessidade de transferir fisicamente os artefatos da memória. Está junto com as telecomunicações “nessa espantosa” maneira que induz esse tipo de condição de memória portátil.

Em 2012 escrevemos que, se anteriormente estudar a memória significava estudar a história, seus registros e lembranças de alguns sujeitos mais destacados em qualquer sociedade, hoje concluímos que investigar a memória é descascar algumas camadas históricas que são escritas no tempo presente. É o tempo do novo constante, mas também do eterno retorno. Inicialmente pensamos em memória e sua relação com as bibliotecas, com o armazenamento de informações, retenção e registro. A humanidade talvez nunca tenha imaginado que seria responsável, permanentemente, por escrever suas memórias em um tempo presente que fica já organizado em escala coletiva e planetária, mesmo que em um modelo não-linear.

2. FourSquare e Instagram

O Four Square é um aplicativo gratuito, baseado em geolocalização, concebido em Nova Iorque, em 2008, e lançado em 2009, que permite compartilhar e salvar os lugares visitados, através do chamado check-in. Oferece também recomendações personalizadas e possibilidades baseadas em informações sobre lugares visitados pelo indivíduo, seus amigos e pessoas de gosto semelhante. Números atualizados em janeiro de 2013 e apresentados no site da rede social na internet apontam 30 milhões de pessoas conectadas no mundo e mais de três bilhões de check-ins diariamente.

O Instagram tem como principal mecanismo a postagem e edição de fotos produzidas, em sua maioria pela câmera de um dispositivo móvel, e a utilização de hashtags¹ (#) para referenciar essas imagens capturadas a partir de um contexto urbano. O Instagram definiu um estilo próprio de compartilhar e armazenar a informação geolocalizada, uma vez que esta possibilidade amplia a interação social no espaço físico.

Tendo sua base de relacionamento pautada pela existência de seguidores, as relações no Instagram se estabelecem quando os indivíduos são vinculados à conta de outros usuários ao clicar no botão “seguir”. Assim as atualizações dos seguidores são atualizadas automaticamente no feed de notícias do usuário permitindo “curtir”, ao clicar no coração, e “comentar” ao se utilizar do código (@).

As hashtags, por sua vez, cumprem o papel de agrupar imagens relacionadas a um determinado assunto.

1 Informação que agrupa determinado tema que está sendo tratado, composta pelo sinal # (hash) e uma tag (etiqueta).

O usuário pode adicionar uma “tag” a uma imagem, utilizando o símbolo (#), unindo-a automaticamente a todas as outras imagens “tagueadas” com a mesma palavra. Essa funcionalidade locativa abriu caminho para um compartilhamento de insights do cotidiano das pessoas em tempo real. Linaschke (2011) ressalta que o Instagram é uma comunidade fotográfica, e isso explica tamanho sucesso. Comparando-o com redes sociais como o Twitter e o Facebook, o autor observa que o Instagram é a única rede social inteiramente baseada em fotografias. Há algum texto permeando tudo isso, alguns comentários, e outras tantas curtidas, mas mesmo assim, segundo ele, tudo se resume à imagem e é justamente por isso que o Instagram é único, não há como fazer uma postagem sem se utilizar de uma fotografia.

3. A Pós-Memória nas redes

Nesta composição envolvendo as investigações sobre memória, há uma definição que se faz importante. Sarlo (2007) aponta que é impossível, a não ser em um processo de identificação subjetiva inabitual, que ninguém consideraria normal, lembrar em termos de experiência fatos que não foram experimentados pelo sujeito. A autora traz o pensamento de Hirsch que chama de pós-memória esse tipo de lembrança, dando por inaugurada uma categoria cuja necessidade deve ser provada. Como pós-memória se designaria a memória da geração seguinte àquela que sofreu ou protagonizou os acontecimentos. Pós-memória seria a memória dos filhos sobre a memória dos pais. A ideia percorreu um longo caminho nos estudos sobre o século XX.

É pelo discurso de terceiros que os sujeitos são informados sobre o resto dos fatos contemporâneos a eles. Esse discurso pode estar apoiado na experiência ou resultar de uma construção baseada em fontes. Sarlo (2007) lembra que, nas sociedades modernas, essas fontes são crescentemente midiáticas, desvinculadas da escuta direta, de uma história contada ao vivo por seu protagonista ou alguém que ouviu seu protagonista. A oralidade imediata é praticamente inencontrável, exceto sobre os fatos do mais estrito cotidiano.

Essa memória pode se tornar um discurso produzido em segundo grau, com fontes secundárias, que não vêm da experiência de quem exerce esta memória, mas da escuta da voz ou da visão de imagens, dos que nela estão implicados. Essa é a memória de segunda geração, lembrança pública ou familiar de fatos auspiciosos ou trágicos.

Se o passado não foi vivido, seu relato só pode vir do conhecido através de mediações. Mesmo se foi vivido, as mediações fazem parte deste relato. Quanto maior o peso dos meios de comunicação na construção

do público, maior a influência que terão sobre essas construções do passado. Os fatos midiáticos não são a última novidade, como parecem acreditar alguns especialistas em comunicação, mas a forma como foram conhecidas, aponta a autora. Jornais, televisão, fotografia são meios de um passado tão forte e persuasivo como a lembrança da experiência vivida e muitas vezes se confundem com ela. Toda a reconstrução do passado é vicária e hipermediada, exceto a experiência que coube ao corpo e à sensibilidade de um sujeito.

Neste sentido, a pós-memória, que tem a memória em seu centro, seria a reconstituição memorialística da memória de fatos recentes não vividos pelo sujeito que os reconstitui. É preciso admitir também que toda a memória do passado é vicária, pois implica sujeitos que procuram entender alguma coisa, colocando-se, pela imaginação ou pelo conhecimento, no lugar dos que viveram de fato. O vazio entre a lembrança e aquilo que se lembra é ocupado pela operações linguísticas, discursivas, subjetivas e sociais do relato da memória: as tipologias e os modelos narrativos da experiência, os princípios morais, religiosos, que limitam o campo do lembrável, o trauma que cria obstáculos à emergência da lembrança, os julgamentos já realizados que incidem como guias de avaliação.

A memória é multimídia, está relacionada a muitas linguagens narrativas e está ligada aos sentidos humanos em todas as suas possibilidades e também aos muitos papéis que o sujeito é capaz de exercer na sociedade, seja presencial ou virtual, dimensões cujas fronteiras desaparecem. A memória pode ser de várias ordens caso as investigações não sigam por uma linha generalista. Lembrança ou esquecimento estão associados também a estratégias cerebrais e estímulos que têm origem nas próprias lembranças e vivências.

O mais importante é o caráter multifacetado e coletivo da construção da memória, a retroalimentação permanente pelo abastecimento do novo e do passado que chega associado a formatos novos. O passado assume importância capital, como forma de confirmação do presente cada vez mais acelerado. Vivemos em plena reconfiguração do tempo presente, por intermédio de uma memória que nunca esteve tão viva e em permanente atualização.

Se refletirmos a partir das ideias de Sarlo (2007), podemos afirmar que neste preenchimento constante dos vazios pelas estratégias oferecidas nas redes e também pela retrospectivo que as mensagens assumem, vivemos em um tempo de construção de uma pós-memória simultaneamente aos registros que vão sendo deixados. Cada experiência registrada, cada comentário feito a respeito de determinado lugar, ajuda a tecer esta rede narrativa que faz conviver a

experiência em primeira mão, mas todas as demais que vão sendo coladas. Não há mais memória do passado, mas permanentemente do presente, como pensa Virilio (2006). Trata-se da presença de acontecimentos do passado em um tempo presente. O passado passa a existir no tempo presente e nesta velocidade registra-se um encurtamento de tempo para que o fato passe a outra esfera da memória.

Virilio (2006:93) reflete sobre a memória “vívda”, memória do que ocorre no momento, como um elemento novo oferecido pelas tecnologias de comunicação. Isto, pensa ele, traz um paradoxo, pois a televisão ou a internet e outras tecnologias promovem a ideia de uma memória do instante presente. “É como se houvesse um efeito de lupa não sobre um objeto, mas sobre um instante no tempo: um efeito de dilatação.” Nesta perspectiva, o autor entende que as tecnologias funcionam para a memória como um telescópio e acredita que a internet e as tecnologias de informação permitirão ver o que se passa no mais curto espaço de tempo, o que se passa na comunicação. Neste ponto de sua reflexão, define como uma memória que diz respeito à comunidade, pois não há memória por si. Memória, segundo Virilio (2006), é uma linguagem, um utensílio de comunicação. Não há memória que não seja coletiva.

Ernst (2013), de sua parte, define que uma imagem na memória ainda não é um arquivo. O que determina a diferença entre a memória e um arquivo é a organização de formatos de arquivos. Ao citar Foucault, o autor reforça que a arqueologia do conhecimento oferece discontinuidades, intervalos, silêncios e rupturas, em oposição ao discurso histórico. Os arquivos, a exemplo de todos os bancos de dados, estabelecem relações não apenas baseadas em causa e efeitos, mas através de redes.

4. A memória da cidade

Nesta construção, há um aspecto que se faz relevante e que diz respeito à memória que vem sendo produzida sobre as cidades. Numa construção narrativa, a partir da geolocalização, a história das cidades, de seus principais pontos ou mesmo lugares de passagem, vem sendo desenhada. Importante, inclusive, que estas narrativas dos muitos sujeitos que compartilham suas experiências, convivem com as informações compartilhadas oficialmente por guias especializados ou prefeituras. Dependendo da institucionalização e do grau de organização, estas narrativas autônomas se sobreporão às demais.

Nesta reflexão, buscamos alguns exemplos reunindo narrativas do FourSquare e do Instagram. Certamente, alguns resultados estão relacionados ao modelo de gestão das cidades e mesmo dos locais públicos, além das diferenças culturais. Observamos

as informações produzidas sobre a Public Library e o Public Garden, em Boston, dois lugares populares, na cidade. Buscamos informações também em Porto Alegre sobre o Parque Farroupilha e a Biblioteca Pública. Os resultados sempre vão dizer muito sobre a relação das pessoas que produzem estas narrativas com as cidades. Num resultado mais abrangente, é possível afirmar que a soma das narrativas podem ser transformadas em um único texto que dá conta da história dos lugares, pela percepção e narração oficial e também narração dos sujeitos pelas redes. No caso da cidade de Boston, por exemplo, são muitas informações históricas produzidas oficialmente e que convivem com as múltiplas narrativas, tanto sobre o parque como a respeito da biblioteca. É possível conhecer a origem destes lugares, experiências múltiplas, mas conhecer também problemas, defeitos, típicos de cada sociedade.

No caso de Porto Alegre, há uma forte relação da população com o Parque, mas uma relação pobre dos cidadãos com a biblioteca pública. Nos poucos dados localizados, evidencia-se a informação sobre a reforma do prédio histórico que já dura algum tempo. Seja qual for a cidade, será possível, a partir dos comentários deixados, construir uma narrativa não só sobre a relação das pessoas com os espaços, mas trazer à tona alguns traços da cultura local.

De Certeau (1994:177) faz uma analogia entre o ato de enunciar e o ato de caminhar. “O ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o speech act) está para a língua ou para os enunciados proferidos. E quando aborda “a fala dos passos perdidos”, entende que os passos moldam os espaços. As curvas, porém, em cheios ou vazios, define o autor, remetem, como palavras, à ausência daquilo que passou. Os destaques de percurso perdem o que foi e só se deixa, então, captar um resíduo colocado no não-tempo de uma superfície de projeção. Essas fixações constituem procedimentos de esquecimento.

Com as redes sociais, porém, podemos considerar que cada vez mais estas curvas na caminhada estão sendo preenchidas pelo registro deixado por outros e consultados nas redes sociais na internet. Redes como o Four Square ou Instagram oferecem permanentemente, para aqueles que estão conectados, informações sobre os lugares, informações, dados percepções e significados que aquele lugar representou pra os diferentes sujeitos que por ali transitam ou transitaram. São estas múltiplas assinaturas, retro influenciando a memória de cada um que vão dando novos tons às memórias individuais e coletivas, simultaneamente. Nesta composição, muito fica registrado, mas muito também acaba por ser esquecido entre as muitas camadas de informação.

Neste sentido, cabe a reflexão de De Certeau

(1994:177,178) quando fala da atualização que o sujeito faz durante a caminhada. Aponta que se existe uma ordem espacial, que organiza um conjunto de possibilidades e proibições nesta circulação, o caminhante atualiza algumas delas, as desloca e inventa outras, “pois as idas e vindas, as variações ou as improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais.”

Na atualização, os sujeitos estão sendo cada vez mais influenciados pelas marcas deixadas por outros. As suas percepções e significados sobre os lugares e as cidades resultam dos cruzamentos destas pós-memórias, como conceitua Sarlo (2007), cujo pensamento pode ser aqui aplicado.

De Certeau (1994:179,180) avalia que o uso define o fenômeno social pelo qual um sistema de comunicação se manifesta de fato, remetendo a uma norma. “O estilo e o uso visam, ambos, uma ‘maneira de fazer’ (falar, caminhar, etc.), mas um como tratamento singular do simbólico, o outro como elemento de um código.” No cruzamento, define, se forma um estilo do uso, maneira de ser e maneira de fazer.

“A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar...compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano, e posta sob o signo do que deveria ser, enfim, o lugar, mas é apenas um nome, a Cidade.” (De Certeau, 1994:183)

Turkle (2006), numa reflexão que já considera a dimensão virtual da comunicação, afirma que memória e lugar tornaram-se desconectados. Memória, neste caso, relacionada a edificações. Isso porque com a web ubíqua, segundo a autora, os indivíduos podem consumir informação em qualquer lugar e não precisam, por exemplo, estar entre os pilares e afrescos de uma biblioteca, exemplo usado pela autora.

Mais importantes do que o lugar que preserva a memória, são as relações. Turkle (2006:287) entende que uma comunidade não pode existir se os laços entre os membros são meramente transitórios. Mesmo com trocas em rede, descobrimos novas formas de “raízes”. Essas formas serão cada vez mais centrais para os novos paradigmas de comunicação. Turkle (2006:290) também aborda uma dimensão múltipla das possibilidades oferecidas pela internet: o fato de as pessoas exercerem diferentes papéis. As pessoas vêm e experimentam muitos aspectos delas mesmas, estão em contato com essa multiplicidade de formas muito poderosas. Nesse sentido, a vida online pega algo do cotidiano e a leva para um “poder maior”. Todos temos uma experiência diária

de viver diferentes aspectos do eu.

Somado a essa multiplicidade de papéis vivida pelo sujeito, no seu dia-a-dia e na dimensão virtual, Turkle (2006:299) sublinha que a natureza “armazenável” das trocas virtuais confronta as pessoas com a transferência, um fenômeno que acontece em encontros psicanalíticos. A correspondência eletrônica se torna um objeto a ser considerado para pensar a transferência. Outro fato, de acordo com a autora, está relacionado com o novo status dos objetos da memória, porque eles aparecem no mesmo formato e com a mesma presença na tela que os “novos” objetos. “Nossa história não é baseada em páginas empoeiradas, páginas podres. Nossa história não está inscrita no papel que se desintegra. Não, ela está bem ali, na mesma forma que os acontecimentos atuais...” (TURKLE, 2006:299).

Nessa linha de pensamento, Turkle (2006:302) aponta que a definição de memória passa a ser múltipla. Da mesma forma que as pessoas ficam acostumadas aos diferentes aspectos do eu, também ficarão acostumadas aos diferentes registros da memória. “As memórias da comunidade serão múltiplas.”

Na mesma proporção, alguns autores refletem sobre o esquecimento. Akoun (2006:229) analisa as temporalidades – mítica, histórica ou estética – que caracterizam a atual vivência comunitária da sociedade. Afirma que “tudo existe somente nesse aparecer e desaparecer”. No processo, tudo o que parece aparecer e desaparecer não pode dizer que teve existência própria, imóvel, incapaz de se perder no fluxo do tempo que passa. A superabundância, pensa Augé (2006, p.104), quando fala da informação midiaticizada, é proporcional à capacidade de esquecimento, uma vez que um acontecimento, que chama atenção durante alguns dias, desaparece repentinamente das telas, logo das memórias. Isto até o dia em que ressurgue repentinamente. “Certo número de acontecimentos tem, assim, uma existência eclíptica, esquecidos, familiares e surpreendentes ao mesmo tempo.”

E quando todas essas dimensões se somam, constituem também memória coletiva e excesso de informações, simultaneamente. “Talvez o aspecto mais notável da memória é o esquecimento.” (McGAUGH *apud* IZQUIERDO, 2006:289). A afirmação de James McGaugh, considerado um dos mais importantes pesquisadores na área da memória nos últimos 50 ou 60 anos, é representativa, mais do que em qualquer outro momento da história. Isso porque não há registros de um cenário que envolva tantos paradoxos em torno das narrativas e seus registros, somando ainda escrita, imagens, memória, esquecimento e sabedoria. Na medicina, conforme Izquierdo (2002), os estudos apontam que os mecanismos da memória se saturam.

É necessário esquecer ou pelo menos manter longe da evocação muitas memórias.

A organização deste cenário não pode ser atribuída às tecnologias de comunicação. Elas são variáveis de horizontes que se acumulam e que resultam em camadas históricas que agora podem ser reveladas. Esta revelação, porém, emerge de forma desordenada, não-linear e encontra sujeitos muitas vezes surpreendidos pelas suas próprias memórias e narrativas que, desejem eles ou não, invadirão o seu cotidiano.

Nesta breve reflexão, analisando apenas alguns pontos das múltiplas camadas que constroem a memória coletiva, a partir das narrativas, entendemos que há, conforme pensa Sarlo, uma pós memória sendo organizada. Muito do que é compartilhado é a vivência do outro sobre o lugar, assumindo novos significados a cada nova etapa em que é consultada e anexada como informação àquele espaço ou lugar. Neste registro e esquecimento permanentes, a consulta é sempre possível, de qualquer ponto, dando também um sentido de descolamento como avalia Turkle, num abastecimento sempre presente, no pensamento de Virilio. Há, sem dúvida, um novo modelo de memória sendo construído. Ela não é mais em primeira mão, mas é ao mesmo tempo genuína para cada um, mesmo influenciada pela rede que retroalimenta todo o processo de maneira dinâmica. São fragmentos independentes que tem sentido separadamente, mas que colados em múltiplas versões, produzem novos e múltiplos outros sentidos e significados, determinando novos vínculos ou novos descolamentos, permanentemente.

Referências

- Akoun, A. (2006). Sobre o tempo. In: Casalegno, F. Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina.
- Augé, M. (2006). Sobremodernidade: do mundo tecnológico de hoje ao desafio essencial do amanhã. In: MORAES, D. Sociedade midiaticizada. Rio de Janeiro: Mauad.
- Certeau, M. (1994). A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Ernst, W. (2013). Digital memory and the archive. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Izquierdo, I. (2002). Memória. Porto Alegre: ArtMed.
- Izquierdo, I; Bevilaqua, L. R. M.; Cammarota, M. (2006) A Arte de esquecer. Estudos Avançados, São Paulo.
- Linascheke, J. (2011). Getting the most from Instagram, Berkeley: Peachpit Press.
- Manovich, L. (2001). The Language of new media. Cambridge: MIT Press.
- Mitchell, W. Diálogo com William J. Mitchell. Lugares, arquiteturas e memórias. (2006). In: Casalegno, F. Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina.
- Sarlo, B. (2007). Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG.
- Turkle, S. (2006). A memória na tela. In Casalegno, F. Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina.
- Virilio, P. Diálogo com Paul Virilio: o paradoxo da memória do presente na era cibernética. (2006). In: Casalegno, F. Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina.

Sites:

<https://foursquare.com/about> (consultado em setembro de 2013)